



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS
PROJETO SEGUNDO TEMPO**

RICARDO DEMÉTRIO DE SOUZA PETERSEN II

(depoimento)

2010

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias - Segundo Tempo

Número da entrevista: E- 187

Entrevistado: Ricardo Demétrio de Souza Petersen

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: ESEF/UFRGS – Porto Alegre/RS

Entrevistadora: Silvana Vilodre Goellner

Data da entrevista: Sala de Pós-Graduação - ESEF

Transcrição: Letícia Baldasso Moraes

Copidesque: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Pesquisa: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Fitas: Gravador digital

Total de gravação: 25 minutos

Páginas Digitadas: 11

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

PETERSEN, Ricardo Demétrio de Souza. *Ricardo Petersen II (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2011.

Sumário

Início dos projetos especiais no Programa Segundo Tempo: projetos pilotos, avaliação dos projetos, universidades parceiras; benefícios dos projetos nas universidades; o Programa Segundo Tempo como incentivador à prática esportiva das crianças; projetos envolvidos com o PST, como o “Memórias do PST” no registro da construção do Programa e dos projetos, e o PROESP na detecção de talentos esportivos e desenvolvimento das crianças; visibilidade da importância do PST por parte dos Ministérios; suporte fornecido pelo Ministério do Esporte; relação com o Conselho Britânico: utilização dos cartões de apoio pedagógico, parceria com os professores ingleses, apresentação aos ingleses da proposta do PST e da inserção dos cartões no Programa; importância da participação da UFRGS e de outras universidades no Programa Segundo Tempo; importância do Programa para a Educação Física; reunião do material sobre o Programa Segundo Tempo realizado pelo Centro de Memória do Esporte.

Porto Alegre, 20 outubro de 2010. Entrevista com Ricardo Petersen, a cargo da entrevistadora Silvana Goellner para o projeto Garimpando Memórias do Programa Segundo Tempo.

S.G. – Ricardo, e os projetos especiais? Quando eles iniciaram no Segundo Tempo? Tinha o Quero-Quero¹ e o Navegar². Eles foram os primeiros projetos especiais que vocês denominaram assim?

R.P. – Não. Na verdade havia desde 2007 quando a Secretaria fez um planejamento estratégico. Sempre houve a intenção da expansão da abrangência do Segundo Tempo para outros tipos de comunidade, digamos assim. E, já em 2007, ficou decidido que haveria o projeto para as universidades, que chamamos de Projeto Segundo Tempo Universitário, haveria o projeto para as pessoas com deficiência, para os indígenas, unidades sócio educativas para jovens com problemas com a lei, também os [palavra inaudível], os quilombolas... Acho que eu cobri todos. Esse processo se iniciou na outra diretoria, outro departamento da Secretaria, que era o departamento DEUNE (Departamento de Esporte Universitário). Posteriormente, no início de 2009, ele foi trazido para o Departamento de Esporte Educacional e Identidade Cultural, porque ele expandiu. Na verdade o DEUNE, apesar de ter feito as primeiras propostas do universitário, pessoas com deficiência, dos indígenas e da comunidade sócio educativas, o quilombola não chegou a ser feito. Quando veio para o DEUNE, nós então contratamos três especialistas para cada um desses projetos, e eles desenharam uma proposta nova. E nós já tínhamos, no universitário, pessoas com deficiência e o Segundo Tempo Padrão universidade. E nesses três então, disparamos os projetos pilotos em 2009. Ficou também incorporado aos projetos especiais, o Navegar. O Navegar entra para os projetos especiais. Conversamos com o Júlio³, insistimos um pouco nessa situação do Navegar, porque havia *muito* material, muito equipamento que estava lá e, dos quarenta núcleos, apenas quatro ou cinco estavam funcionando. Então, o Júlio resolveu incorporar até por um compromisso dele com o Lars Graef que foi o criador do

¹ Projeto Quero-Quero (PQQ), parte integrante do Programa Educação pelo Esporte, é uma parceria entre a Escola de Educação Física da UFRGS com o Instituto Ayrton Senna e conta com o apoio do banco de alimentos (FIERGS). O objetivo principal do projeto é a formação integral dos participantes tendo o esporte como principal eixo.

² Projeto Navegar, ligado ao Ministério do Esporte, criado por Lars Graef, velejador brasileiro.

³ Júlio Cesar Monzú Filgueira. Secretário Nacional de Esporte Educacional do Ministério do Esporte no período de maio de 2007 a outubro de 2009.

Projeto Navegar. Então, começamos a trabalhar também no Navegar. Então, o universitário, o deficiente e o padrão na universidade foram iniciados como projetos pilotos em 2009. O universitário foi na Universidade Federal de Santa Maria, na Universidade Federal de Minas Gerais, na Universidade Federal de Ouro Preto e na Universidade de Brasília. O deficiente foi só na Universidade Federal de Pelotas e o padrão foi na Universidade de Brasília e na Universidade Federal de Ouro Preto. Hoje, já temos os resultados desses pilotos e, então, nós vamos, a partir de agora, dessa reunião que teremos semana que vem, bater o martelo nas diretrizes desses projetos em função da avaliação que foi feita. O processo também foi o seguinte: foram feitas duas visitas em cada piloto em momentos diferentes e foi feito ao final, junto com a segunda visita, uma entrevista semi estruturada em que nós entrevistamos o coordenador geral, o coordenador de núcleo, alguns monitores, alguns participantes, alguns beneficiários e, nos deficientes, parece que tivemos que entrevistar alguns pais de alunos. Então, isso gerou um relatório em que nós vimos que o que havia sido proposto não estava tão, digamos assim, diferente do que nessa avaliação, nesse processo todo, surgiu no processo de avaliação. Então, esses projetos estão prontos para serem expandidos no ano que vem, para dar continuidade. Nós temos ainda que ver o piloto do indígenas e o piloto das unidades sócio educativas. Houve agora um acordo com o MEC⁴ e vão ser implantados nos IFETs⁵ (Institutos Federais de Inovação Tecnológica) o padrão no instituto. Não é para os alunos do Instituto. Isso é uma contrapartida que o Ministério do Esporte colocará algum recurso para a infraestrutura esportiva no IFET.

S.G. – Eu tive a oportunidade de visitar um núcleo do PST universitário de Santa Maria e lá de Minas Gerais. E a gente também entrevistou, mais por conta do projeto da memória. O nível de satisfação dos participantes foi impressionante. Em Santa Maria especialmente porque o campus é completamente isolado da cidade. Então, eles vieram que não tinham o que fazer. Quem mora na casa de estudantes...

R.P. – É que também traz alguns benefícios até para as Escolas de Educação Física. Porque em Santa Maria foi melhorada a pista, a iluminação... Até nem tem muito a ver só com a Escola, mas a iluminação também para os alunos transitarem à noite, porque os projetos

⁴ Ministério da Educação.

⁵ Instituições Federais de Educação Profissional e Tecnológica.

em geral são a noite. Então, tem uma série de melhorias que vão sendo agregadas ao projeto.

S.G. – Ricardo, e o projeto de ginástica aeróbica que saiu o piloto em 2010, no qual está saindo o material agora que a Silvia⁶ está coordenando...

R.P. - O piloto da ginástica também não estava inicialmente nos projetos iniciais. Na verdade ele não é um projeto especial, porque ele não configura, por si só, núcleos. Ele é uma atividade que pode até eventualmente caracterizar um ou outro núcleo por essa ênfase. Mas ele não chegou a ser considerado um projeto especial. Isso foi uma iniciativa da ginástica aeróbica, e a gente espera que outros esportes que estejam organizados façam propostas. Porque pensando no esporte no Brasil como um todo, eu penso que o Segundo Tempo é um primeiro contato das crianças com o esporte. E posteriormente tem que haver possibilidades de sequência, de encaminhamento das crianças que se destacarem, que quiserem, que se encaixarem nesse perfil para seguir no esporte e quem sabe atingir o alto rendimento. Então, é uma lacuna que nós temos entre esse Programa e o esporte de alto rendimento: “O que fazer com as crianças? Para onde encaminhar?”. Muitas vezes não tem um clube na cidade, é longe, em um lugar distante... Então, o governo está pensando: “Bom, nós temos que ter alguma atividade intermediária para que essas crianças tenham oportunidade, para aqueles que se destacarem seguirem adiante”. E a outra coisa importante que aconteceu, talvez tu tenhas falado já com alguém sobre isso, é a entrada do Segundo Tempo no “Mais Educação”⁷. Então, isso também não chega a se configurar em um projeto especial, mas é uma expansão do Segundo Tempo.

S.G. – E uma expansão significativa. Porque o número de escolas envolvidas... Eu tive a oportunidade de participar de conferências duas semanas atrás e fiquei impressionada com o número de pessoas e o número de pessoas que participavam da teleconferência. Ricardo, nós temos dois projetos aqui na Escola que também estão envolvidos, que é o projeto

⁶ Silvia Regina de Pinho Bortoli. Coordenadora-Geral de Apoio, Capacitação e Eventos Esportivos do Departamento de Esporte Escolar e Identidade Cultural da Secretaria Nacional de Esporte Educacional. Ministério do Esporte.

⁷ Programa desenvolvido pelo Ministério da Educação.

Memórias do PST⁸, que está vinculado aqui ao Centro de Memória⁹, e o PROESP¹⁰. Eles não se caracterizam como projetos especiais, mas eles fazem parte das atividades do Programa Segundo Tempo. Como que tu vês isso?

R.P. – Exato. Primeiro, a gente sabe da importância de se ter uma memória desse processo todo. Eu acho que isso aí ninguém duvida. Até a necessidade de a gente ter esses documentos, essas informações todas. Porque na verdade foi um processo de construção. Ele não foi algo pronto. Digamos assim, essa parte pedagógica, as capacitações, a estrutura das capacitações, as visitas, tudo isso foi uma construção nossa. Quando eu falo *nossa*, falo da equipe gestora e de todos os colegas que, aí eu diria que são mais de 150 pessoas, que participaram desse processo todo e que vêm dando contribuições. Claro, vamos dizer assim, capitaneado pela equipe gestora, mas não é um projeto que saiu de gabinete e foi imposto. Ele foi um projeto que foi se desenvolvendo tanto que nós fizemos um primeiro livro, depois fizemos um segundo livro. Daqui a pouco vamos ter que fazer um terceiro...

S.G. – Está saindo o vídeo agora...

R.P. – Foi agregado o “Recreio nas Férias”¹¹ que gerou outro livro também. O projeto “Navegar” tem um livro pronto, nós estamos na fase final, só substituindo algumas imagens que não ficaram muito boas, mas enfim... É toda uma construção coletiva que eu acho que tem que ser registrado.

S.G. – E a gente está conseguindo ter esse registro aqui.

R.P. – Exatamente.

⁸ Projeto de uma parceria do Ministério do Esporte com o Centro de Memória do Esporte (CEME) da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Busca construir registros sobre a memória do PST gerando informações de diferente natureza: acadêmicas, de divulgação, históricas, entre outras. Busca, por fim, transmitir as gerações do presente e do futuro conhecimentos sobre um projeto específico cuja efetivação vem marcando o cenário das políticas públicas de esporte no Brasil.

⁹ Centro de Memória do Esporte (CEME).

¹⁰ Projeto Esporte Brasil. Observatório permanente de indicadores de crescimento e desenvolvimento corporal, motor e do estado nutricional de crianças e jovens entre 7 e 17 anos.

¹¹ Projeto integrante do Programa Segundo Tempo que tem como finalidade oferecer às crianças e adolescentes do programa, no período de férias escolares, opções de lazer por meio do desenvolvimento de atividades lúdicas, esportivas, culturais, sociais e turísticas.

S.G. – Eu acho que é importante.

R.P. – Nesse aspecto eu posso dar meu depoimento aqui que a Secretaria está muito satisfeita com o trabalho do Centro de Memória aqui da nossa Escola¹². Mais um gol que nós marcamos com o Ministério dos Esportes. Outra coisa que a gente observou foi o projeto “Esporte Brasil” que acontecia normalmente aqui na Escola. O professor Adroaldo¹³ tinha recursos do CNPq¹⁴... Mas também estava, vamos dizer assim, parado na Secretaria de Esporte de Alto Rendimento. Porque lá ele tinha um objetivo voltado para a detecção de talentos. E ele parou. Hoje, precisaria ser reformulado para atingir esses objetivos. Mas então, o então secretário Julio Filgueira na época, viu no PROESP a possibilidade de se levantar esse perfil das crianças e jovens brasileiros no que diz respeito à questão motora, à questão nutricional, crescimento, aqueles dados antropométricos, na performance motora das crianças. Enfim, todos esses dados. Eu diria que em função da falta da compra e distribuição dos materiais necessários para a aplicação do PROESP que, hoje em dia está muito mais simplificado, ele não decolou como a gente gostaria. A gente fez um piloto no Ceará e na parte de São Paulo. Foram avaliadas cerca de vinte e cinco mil crianças, mas ele não decolou. Então, nós temos que reavaliar, temos que reformular essa proposta porque o Segundo Tempo tem a disposição para a aplicação desse projeto em torno de um milhão de crianças todo ano. E a ideia é expandir o projeto para três milhões de crianças. Imagina um banco de dados com três *milhões* de crianças. Isso não existe em parte alguma do mundo. Então, nós temos que repensar isso. Nós estamos em um momento de final de governo, não sabemos o que vai acontecer, mas enfim, a esperança é que continue, porque toda essa construção, como eu falei, não se pode simplesmente pôr um novo gestor do Ministério e simplesmente abandonar isso.

S.G – Eu tenho acompanhado um pouco na imprensa e vi que o Orlando¹⁵ mesmo tem falado na continuidade do PST, que já estão designando verba... Quer dizer, há um reconhecimento por parte do Governo de como esse projeto é significativo. Ele já não está

¹² Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF/UFRGS).

¹³ Adroaldo Cesar Araújo Gaya. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenador do projeto.

¹⁴ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

¹⁵ Orlando Silva de Jesus Júnior, Ministro do Esporte desde março de 2006.

só no Ministério do Esporte, ele já tem outras interfaces. Ele é um projeto interministerial, pode-se dizer hoje.

R.P. – Também é importante registrar, não sei se alguém já falou isso, mas há um reconhecimento dos órgãos de controle internos e externos do Ministério do Esporte da importância desse acompanhamento que é feito. Porque isso garante que o projeto tenha realmente um norte, que ele tenha uma proposta, que não é uma proposta estritamente fechada. Nós temos que considerar as diferentes realidades brasileiras. Mas ele dá um norte para o projeto. Antes de 2007, não havia. Cada um fazia o que bem entendia. Outra questão é o acompanhamento, o suporte que nós damos às equipes, aos coordenadores. Eles se sentem amparados pela Secretaria. Não é só simplesmente dar o dinheiro e dizer: “Faz isso.” Tem um acompanhamento. Eu acho que esse suporte também motiva as pessoas. Eles pensam: “Não estou sozinho, nós temos um apoio.” E obviamente isso gera uma diminuição na corrupção, no mau uso do dinheiro público, porque o pessoal sabe que existe esse acompanhamento.

S.G. – Ricardo, eu queria que tu falasses um pouquinho sobre a tua viagem, que tu fostes à Inglaterra apresentar o projeto. Como se deu essa relação lá com os países internacionais?

R.P. – Essa relação na realidade iniciou com o Conselho Britânico. O Ministério do Esporte, a Secretária do Esporte Educacional com o Conselho Britânico. O Conselho Britânico através da inspiração internacional da Youth Sport Trust¹⁶. Eles têm um projeto em que eles seriam, digamos assim, um Segundo Tempo, mas obviamente muito menor que o Segundo Tempo. E eles têm uma proposta pedagógica interessante. Procuraram o Ministério do Esporte em função das Olimpíadas que acontecerão na Inglaterra, no Reino Unido, e eles já tinham um trabalho sendo feito no Nordeste com, se não me engano, dez escolas do Nordeste, em que eles já tinham uma parceria. Então, vinham crianças da Inglaterra, iam crianças do Brasil para a Inglaterra. Mas eles têm um sistema em que incentivam as lideranças jovens. Então, os jovens deles que são beneficiados do projeto, em certo momento, se tornam monitores. Esse modelo para nós não serve, pois nós temos uma profissão regulamentada no Brasil e não podemos ter esse tipo de atividade. Nós

¹⁶ Instituição inglesa de caridade independente criada em 1994 para construir um futuro melhor para os jovens através do desporto.

fomos ver o que nós poderíamos então utilizar ou aproveitar da proposta deles. Nós vimos que eles têm um sistema em que usam cartões, que nós chamamos de cartões de apoio pedagógico que não são aulas prontas, mas sim incentivos a participação do aluno nas atividades. Fazem o aluno refletir sobre vários aspectos da utilização daquelas atividades na vida diária das crianças: qual o significado daquela atividade, qual a relação daquela atividade com outras áreas do conhecimento... Ou seja, é um cartão que de certa forma estimula a participação do aluno na atividade de uma forma não só motora, mas também cognitiva. Que é o que a gente quer. A gente quer o desenvolvimento não só motor, mas também de outras áreas, o cognitivo, o social... A gente viu nesses cartões essa possibilidade, então começamos a trabalhar com eles. Veio um professor, o criador dos cartões, o professor David Haskins. Inicialmente nós tivemos uma capacitação no Nordeste, em Pernambuco, onde o professor Amauri¹⁷ e eu participamos. Então, nós participamos dessa capacitação, a professora Silvia Bortoli também do Ministério participou... E depois dessa capacitação chegamos a conclusão que os cartões seriam uma possibilidade. Tivemos uma reunião em Fevereiro de 2010 em que nós tivemos a participação do professor David Haskins lá da Inglaterra e fizemos então um estudo. Ele fez uma apresentação mais detalhada dos cartões, e nós fizemos sugestões. Nossas sugestões foram acatadas por eles. Inclusive, agora eles nos pediram autorização para usar as sugestões lá a Inglaterra e, obviamente, nós estamos em uma parceria. Então, a partir daí, se decidiu que nós faríamos primeiro essas alterações nos cartões, as adaptações obviamente à realidade brasileira, e que nós faríamos pilotos para testar esses cartões para ver se eles realmente tinham aprovação dos usuários que seriam os coordenadores de núcleo e os monitores e as crianças do projeto, obviamente. Então, foi feito um estudo piloto com os núcleos de Santa Catarina, com o núcleo de Maceió, com a UFAL, Universidade Federal de Alagoas, que tem um PST padrão dentro do campus e era para sair em outras universidades, mas, infelizmente, por burocracia e o tempo não permitiu... Aqui na UFRGS estamos usando os cartões. Não foi feita uma avaliação final do uso dos cartões aqui na Escola, mas já foi gerado um relatório final e houve uma aprovação em torno de 84, 85% dos cartões nesse primeiro momento. Ficou decidido que vamos seguir em frente com os cartões e também a ideia de que nós vamos criar mais cartões nossos aqui do Brasil.

¹⁷ Amauri Aparecido Bassoli de Oliveira. Coordenador pedagógico do Programa Segundo Tempo.

S.G. – Realidade brasileira...

R.P. – Dentro da realidade brasileira, lá do Nordeste, Amazonas... Com atividades próprias de cada região. Mas a estrutura do cartão já está pronta. Basicamente é a atividade que terá que ser criada. Então, é mais um material além do livro, além dos materiais que a gente tem, além do apoio que é dado...

S.G. – Do vídeo que está saindo agora...

R.P. – Do vídeo que está saindo com as aulas... Quer dizer, mais um material de apoio pedagógico para os professores. E eu fui lá na Inglaterra, eu fui a Londres e depois eu fui a Telford, apresentar. Em Londres nós tivemos reuniões lá com o pessoal da “Youth for trust”. Apresentamos também para alguns professores lá a proposta do PST e como é que os cartões se inseriam nessa proposta. Tivemos duas oficinas e depois em Telford eu fiz a apresentação do PST e também falei dos cartões, da nossa parceria. Depois tivemos mais duas reuniões com os professores lá também na sexta-feira que foi um dia muito produtivo. Então, há uma expectativa muito grande dos ingleses na continuidade dessa parceria, no desenvolvimento dessa parceria e de nossa parte também está aprovado esse uso dos cartões. Agora estamos mandando fazer dez mil conjuntos de cartões para começar a distribuir e a gente espera que seja mais um dos apoios que a gente possa dar ao projeto, ao Programa Segundo Tempo.

S.G. – Ricardo, tem alguma coisa que eu ainda não tenha te perguntado que tu acha interessante de comentar na tua atuação do PST, dos projetos especiais, do projeto como um todo?

R.P. – Eu penso que o que é importante também nisso tudo, a participação da UFRGS. Eu acho que a UFRGS vem cumprindo com o compromisso social, de desenvolver esse projeto que é imenso, um projeto que é *muito* grande. Eu acho que isso dá também uma visibilidade muito grande para a nossa Universidade, para a nossa Escola. Eu acho que também confirma a credibilidade da Universidade da UFRGS e da nossa Fundação¹⁸ de fazer as coisas com seriedade, com dedicação e eu acho que é um benefício, digamos

¹⁸ Fundação de Apoio a Universidade (FAURGS).

assim, para todos. Eu acho que é uma política nacional e eu acho que a Universidade tem a obrigação de participar dessa política.

S.G. – Eu acho que o diferencial que o Segundo Tempo apresentou nos últimos tempos foi esse envolvimento *com* as universidades.

R.P. – Atualmente nós temos mais de quarenta universidades envolvidas.

S.G. – Isso é raro em um projeto. Isso é uma política pública em um projeto social.

R.P. – Isso é um trabalho que a gente tem feito junto ao Ministério. Mostrar para eles e eles já viram, já se deram conta, da importância na participação da Universidade. Lá no Alto Rendimento eles disseram: “É Ricardo, o conhecimento, a inteligência, está na Universidade. A função aqui do Ministério é saber utilizar essas parcerias para apoiar nossa atividade aqui e apoiar o desenvolvimento do esporte no Brasil”. Então eu acho que nós não podemos nesse momento, vamos dizer assim, como se diz na gíria, ‘pisar na bola’. Nós temos que fazer um bom trabalho. Agora, uma coisa que eu também gostaria de falar, que eu acho que é muito importante para a educação física brasileira é esse trabalho todo do Segundo Tempo. Mostrando uma proposta pedagógica, mostrando que a coisa funciona. Tem problemas? Claro que tem problemas. Não vamos negar. Mas eu acho que no Segundo Tempo, em um primeiro momento, houve colegas da própria educação física criticando e parece que hoje em dia não há mais essa crítica porque eu acho que o pessoal entendeu. Bom, essa é uma abordagem. Nós tínhamos que optar por uma. Não pudemos satisfazer a todos. E é o que a gente está fazendo. E tem surtido bons efeitos, bons frutos. Então, a questão do planejamento, de todo esse suporte que tem sido dado pelas universidades, isso é um processo que interfere nas universidades, na graduação... E nos professores que estão fora. Então, eu acho que também é uma contribuição importante para a educação física brasileira.

S.G. – Eu tenho escutado muito o registro de alunos que são estudantes do curso de graduação de educação física: “Ah, eu conheço o texto do livro do PST”. Então, a gente vê que está circulando mesmo, que ele está provocando um movimento dentro das próprias

universidades. Se são quarenta envolvidos, quer dizer, no mínimo um professor de cada universidade está lá e em determinado momento fala sobre o projeto.

R.P. – Sim. São formadores de opinião, são alunos de mestrado, doutorado, que serão professores de universidades. São professores de universidade. Então eu acho que isso vai ter a curto, médio prazo, uma interferência, um peso grande nesse processo todo que eu acho que é bom para a Educação Física.

S.G. – Outra coisa que eu percebi, a gente está mapeando tudo que está sendo escrito sobre o PST. Até 2007, 2008 quase não existia. Hoje o que tem de trabalhos, de monografias, apresentação de trabalho em congresso, um número *muito* grande de trabalhos avaliando ou discutindo o PST. Então, a gente já percebe na produção científica da área que esse tema desse projeto aparece. A gente tem mapeado isso.

R.P. – Depois que a gente entra nesse ritmo louco, é muita coisa. Mas eu acho que em um certo momento a gente vai ter que parar, fazer uma análise dessa literatura, ou pelo menos fazer um grupo que faça uma análise desse material todo e que sirva de “feedback” para o projeto. A partir daí vemos sugestões, reformular... Porque como a gente está dentro do processo, às vezes, não enxerga algumas coisas. O dia a dia te consome, tem que fazer andar o projeto. Eu acho que isso é uma coisa importante de se fazer em um dado momento.

S.G. – O material a gente já está reunindo...

R.P. – Daí a importância do Centro de Memória aqui, que acho que está dando mais um exemplo de um trabalho sério, de um trabalho importante para a própria realimentação do Programa. Porque se a gente não olha para a história, dificilmente a gente consegue olhar para o futuro. A história nos dá essa condição de olhar para trás, mas, ao mesmo tempo, projetando o futuro, o que vem pela frente.

S.G. – Ok. Muito obrigada pela tua atenção, pela disponibilidade e vou esperar que o Programa continue com a dimensão e o sucesso que ele está tendo.

R.P. – Vamos lá. Torcer todo mundo.

[FINAL DO DEPOIMENTO]